

GT6 - Ideologias, cultura e meios de comunicação

A direita “jacobina”: breves apontamentos sobre tensões ideológicas intraburguesas

Raphael Almeida Dal Pai¹

Resumo

O presente artigo procura apresentar um estudo de caso acerca das disputas ideológicas intraburguesas a partir do termo “direita jacobina”. Utilizado de forma pejorativa pelos “liberais-conservadores” – mais especificamente, identificados com o pensamento “libertário” – para se referirem aos grupos e sujeitos considerados mais “radicais” (“olavistas”, saudosistas da ditadura civil-militar, por exemplo). O uso do termo evoca algumas relações com a categorização histórica feita pelos conservadores e sua construção do temor revolucionário, conhecido na América como “jacobinismo”. Neste sentido, é possível levantar a hipótese de que as características racistas e machistas dos “liberais-conservadores” atualmente, possuem raízes históricas nos preconceitos do próprio movimento conservador, podendo então ser considerado não apenas como estrutural, mas estruturante de seus pressupostos discursivos e ideológicos.

Introdução

“Há uma turma de jacobinos de direita no governo ou no seu entorno, como o Olavo de Carvalho, que está contaminando a gestão de Bolsonaro em termos políticos numa direção negativa e mais autoritária”. (Hélio Beltrão, presidente do Instituto Ludwig Von Mises Brasil).²

As palavras acima haviam sido proferidas por Hélio Beltrão, em entrevista para *Revista Isto É*, publicada em setembro de 2019, ao ser indagado sobre quais seriam os problemas percebidos por ele no governo de Jair Bolsonaro. Suas escolhas de palavras são bem sintomáticas: Olavo de Carvalho e seus seguidores estariam “contaminando” o governo de Bolsonaro, ou seja, pervertendo suas reais intenções e ou possibilidades.

¹ Professor de História da rede pública de ensino do Estado do Paraná (SEED); doutorando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Contato: raphael.adp@gmail.com

² BELTRÃO, Hélio. O governo não é liberal na política. [26 de setembro, 2019]. São Paulo: *Revista Isto É*. Entrevista concedida a Vicente Vilar daga. Disponível em: <https://istoe.com.br/o-governo-nao-e-liberal-na-politica/>. Acesso em 22/09/20. [grifos nossos].

Se para Beltrão, a influência de Olavo de Carvalho sobre o governo federal é “errada”, onde está a “certa”? Para tanto, a própria entrevista fornece elementos, bem como alguns apontamentos sobre a trajetória de Hélio Beltrão.

Na entrevista, o presidente do Mises Brasil (IMB), ressalta positivamente algumas das iniciativas tomadas pela gestão de Bolsonaro da área da economia, ao ser questionado pelo entrevistador sobre sua avaliação dos primeiros 9 meses do governo e se é possível considerá-lo uma gestão liberal:

A notícia boa é que em economia sim, o governo está perseguindo um programa liberal, está buscando conter as despesas públicas, retirar as amarras da livre iniciativa, **principalmente com a MP 881 da liberdade econômica, na qual a gente teve uma participação bastante ativa. Tem gente no governo que saiu daqui [IMB], redigiu a lei e foi lá brigar por ela. [...]** É uma gestão econômica liberal.³

Utilizando uma forma vulgar de “particionar” o governo Bolsonaro, pode-se incorrer que Beltrão, aparentemente, se identifica com a “ala técnica”, ligada ao Ministério da Economia, chefiado por Paulo Guedes. Em sua coluna para o jornal *A Folha de São Paulo*, Beltrão saiu em defesa do ministro por várias vezes.⁴ Outro elemento que ajuda a compreender a identificação do “cabeça da direita”⁵ com a figura do Ministro é a participação de ambos na fundação do Instituto Millenium (IML).⁶

Esta forma de construção discursiva, para além de ser um caso que auxilia o entendimento de como os liberais-conservadores marcam linhas entre o “nós” e os “outros”; o ato de definir os “outros”, é afirmar o que “somos nós”, o que identifica e direciona os liberais-conservadores. Ou seja, ao mesmo tempo em que se busca limar elementos ideológicos indesejados (“olavismo”, por exemplo), se edifica sob qual visão de mundo a realidade é interpretada. Também proporciona perceber a operação discursiva da construção de inimigo,

³ Idem. [grifos nossos].

⁴ Para mais detalhes, Cf. BELTRÃO, Hélio. **A negociação de Guedes: ainda compensa apoiar o ministro, mas o sistema e os políticos não vão dar sopa.** Folha de São Paulo. 18 de ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/helio-beltrao/2020/08/a-negociacao-de-guedes.shtml>. Acesso em 26/04/2021.

⁵ BATISTA JR, João. **A cabeça da direita.** Revista Veja. 26 de abr. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-cabeca-da-direita/>. Acesso em 26/04/2021.

⁶ **Paulo Guedes: a trajetória do fiador econômico do governo Bolsonaro.** Info Money. S/d. disponível em: <https://www.infomoney.com.br/perfil/paulo-guedes/>. Acesso em 26/04/2021.

uma vez que procuram tornar sinônimos uma suposta “direita ruidosa” com a suposta atuação da esquerda (jacobinismo).

A tal “Direita jacobina”

“Direita jacobina”, aparece em 2017 em artigo de Bruno Garschagen, membro do IMB, para o jornal *Gazeta do Povo*⁷. O uso do termo em seu artigo, parece ter dois objetivos: 1) depurar dos “liberais-conservadores” a direita fascista; 2) equiparar o fascismo com socialismo:

Por terem despertado para a política num momento de turbilhão de salitre e breu petista (obrigado, William Blake), os antissocialistas foram treinados pela própria esquerda. Por isso, reagem reproduzindo vocabulário, comportamentos, maneirismos, insultos e a mentalidade daqueles que acusam de serem inimigos.⁸

Seria por conta do avanço das pautas progressistas nos governos do PT (“breu petista”), que emerge uma direita “ruidosa”:

Quando os antissocialistas mimetizam a mentalidade e a ação política do inimigo, tornam-se o espelho da perfídia. Quando advogam a purificação do Brasil do socialismo usando os mesmos instrumentos dos socialistas, reduzem a virtude do combate necessário à estatura moral e ideológica de seus oponentes.⁹

Ou seja, o uso do termo tem um objetivo muito claro. Ao se apropriar da experiência histórica do movimento jacobino da Revolução Francesa, e usá-la totalmente retirada de seu contexto e sentido originais, procura-se relacionar a direita “revolucionária” (fascismo) com a esquerda. Livrar o Brasil do socialismo, não se apresenta como uma sugestão problemática para Garschagem, apenas não deve ser feito da maneira que a suposta “direita jacobina” procede; pois isto estaria “rebaixando” a direita ao nível moral de seu verdadeiro oponente, os socialistas.

É neste ponto que se observa uma semelhança: a divergência não é sobre “o que fazer” (neste caso, eliminar o socialismo), mas sim “como fazer”; portanto, não há uma contradição de fundamento separando estes dois polos, mas sim apenas de método. A partir da delimitação dos “outros”, as considerações de Garschagem também apontam para uma definição do que ele considera sendo os valores do “nós”.

⁷ GARSCHAGEM, Bruno. **Os jacobinos da “nova direita”**. [25 de maio, 2017]. *Gazeta do Povo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opinia0/c0lunistas/bruno-garschagen/os-jacobinos-da-nova-direita-4nnhs5havjocaag0xhdurgu3x/>. Acesso em 22/09/20.

⁸ Idem.

⁹ Ibidem.

Esta instrumentalização de fatos históricos, os distorcendo para se obter um “atestado de verdade” que ultrapassa os tempos, não é novidade; ainda mais no caso da Revolução Francesa. A própria memória do período em que os jacobinos assumem a direção da Revolução é lembrada como “Período do Terror”, ou mesmo como “Terror Jacobino”, que segundo o historiador Eric Hobsbawm, foi uma das imagens mais duradouras dos conservadores sobre a Revolução Francesa:

Os conservadores criaram uma imagem duradoura do Terror, da ditadura e da histórica e desenfreada sanguinolência, ainda que diante dos padrões do século XX, e mesmo dos padrões das repressões conservadoras contra as revoluções sociais, tais como os massacres que se seguiram à Comuna de Paris de 1871, e suas matanças em massa, foram relativamente modestas.¹⁰

Mais especificamente nas Américas, o “terror jacobino” ganha uma particularidade: a questão da escravidão. Ao tratar das contradições do liberalismo, Losurdo traz alguns elementos pertinentes ao mostrar que alguns liberais estadunidenses se posicionavam contrários à abolição da escravatura, condenando os abolicionistas como “jacobinos”¹¹. O historiador italiano ainda relaciona o “radicalismo” liberal com a defesa da abolição, mostrando que mesmo figuras históricas da abolição nos EUA, como o presidente Abraham Lincoln não eram tão entusiastas da ideia:

[...] o próprio Lincoln conduz inicialmente a guerra de Secessão como uma cruzada contra a rebelião e o separatismo, não pela abolição da escravidão, que pode continuar a existir nos Estados leais ao governo central. É só mais tarde, com o recrutamento dos negros no exército da União e, portanto, com a intervenção direta no conflito dos escravos ou ex-escravos, que a guerra civil entre brancos se transforma em uma revolução, em parte conduzida pelo alto e em parte pelos de baixo, o que torna inevitável a abolição da escravidão. Mas, na primeira fase da guerra a União não exclui a priori os Estados escravistas do seu seio, assim como os liberais críticos do instituto da escravidão não expulsaram do ‘partido’ liberal os que em relação a tal problema têm uma posição diferente e até contraposta.¹²

Mesmo tendo opiniões divergentes, Losurdo considera que não há uma ruptura entre escravidão e liberalismo enquanto existe uma identificação entre os abolicionistas e os “liberais”. Considera inclusive que não há uma impossibilidade essencial entre liberalismo e a

¹⁰ HOBBSAWN, Eric J. **A revolução francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. p. 40 – 41.

¹¹ LOSURDO, Domenico. **Contra-História do liberalismo**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006. p. 167.

¹² Idem. p. 179.

manutenção da escravidão, uma vez que muitos dos teóricos liberais lucravam com a escravidão e não se opunham a ela, como foi o caso de John Locke.¹³ Losurdo, partindo da citação do filósofo francês Condorcet, identifica os abolicionistas como “radicais” quando eles expurgam “não apenas fora do partido da liberdade, mas até do gênero humano”.¹⁴

No Brasil, efeito semelhante irá ocorrer. Porém, relacionado à necessidade de uma “revolução pelo alto” capaz de manter os privilégios das elites e excluir a participação popular:

Desdobra-se, então, que **as ideias liberais foram utilizadas, no Brasil com intuítos amesquinçados e levando em conta os processos emancipacionistas dos outros países do continente.** A Revolução Americana, verdadeiro vagalhão revolucionário do momento histórico da afirmação burguesa, foi duplamente ensinadora para a burguesia latifundiária do Brasil. De um lado, mostrou que **a participação popular, no processo revolucionário, encurta o espaço de privilégios e de mando político;** por outro, **a lição da América Central demonstrou que, quando generalizadas nas massas oprimidas, as ideias revolucionárias podem representar sentença de morte aos exploradores, como se deu no Haiti. Daí o terror às massas populares e o pesadelo constante da revolta dos negros,** o medo do Haiti.¹⁵

Antonio Carlos Mazzeo ainda registra que, era necessário conter o “‘jacobismo’ republicano” para a “unificação da condução do processo político” de emancipação de Portugal. Sendo esta unidade “personificada na pessoa do príncipe-regente, o que implicou a continuidade da estrutura burocrática político-administrativa trazida de Portugal.

Silvio Almeida também faz considerações dignas de destaque ao discutir a questão do racismo estrutural. Para o intelectual, a Revolução Haitiana se apresentou como uma grande encruzilhada ao projeto de civilização burguês:

Com a Revolução Haitiana, tornou-se evidente que o projeto liberal-iluminista não tornava todos os homens iguais e sequer faria com que todos os indivíduos fossem reconhecidos como seres humanos. Isso explicaria por que a *civilização* não pode ser por todos partilhada. Os mesmos que aplaudiram a Revolução Francesa viram a Revolução Haitiana com desconfiança e medo, e impuseram toda a sorte de obstáculos à ilha caribenha, que até os dias de hoje paga o preço pela liberdade que ousou reivindicar.¹⁶

¹³ Ibidem. p. 35.

¹⁴ Idem. p. 180.

¹⁵ MAZZEO, Antonio Carlos. **Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia burguesa.** São Paulo: Boitempo, 2015. P. 107. [grifos nossos].

¹⁶ ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2020. p. 27 – 28.

Antes de Silvio Almeida, o historiador C. L. R. James já escrevia sobre o grande problema da “questão colonial” para a Revolução Francesa. Segundo ele, quinze dias depois da aprovação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, os mulatos de São Domingos, “apareceriam às portas de uma Câmara ainda ecoando a famosa declaração e reivindicavam os Direitos do Homem. A burguesia não sabia o que fazer nem o que dizer”.¹⁷

Inclusive, C. L. R. James, em seu clássico estudo, demonstra que a “questão colonial” se apresentava como um grande problema com o qual a Assembleia não queria lidar, considerado por ele, como um dos elementos que dividiram a burguesia revolucionária francesa: “a Assembleia, até então unânime sobre os Direitos do Homem, dividiu-se em duas: a extrema direita e a extrema esquerda, com os vacilantes no centro”¹⁸.

Não entraremos em profundidade no mérito de como os “jacobinos negros” irão aumentar as cisões dentro do pensamento liberal burguês no processo revolucionário da França; muito embora seja um tema de grande importância, não é o objeto da análise que aqui se apresenta. Esta breve contextualização histórica apenas tem como objetivo demonstrar alguns elementos para compreender o uso de “direita jacobina”, para separar tendências ideológicas distintas entre os liberais-conservadores: 1) as raízes preconceituosas da direita brasileira, relacionada ao seu “medo histórico” das “massas bestializadas”; possuindo inclusive origens possíveis de serem relacionadas com o “haitianismo” e um preconceito racial ligado à ala girondina da burguesia, que já demonstrava sinais de conservadorismo e contrarrevolução, como aponta C. L. R. James. 2) Por detrás de uma apropriação rasa da experiência jacobina, há uma tentativa de criar uma imagem “pacífica”; “virtuosa”, descolada de radicalismos, que sempre são características do adversário; 3) ao relacionar os elementos negativos sempre com “o outro” (esquerda, jacobinismo etc.), cria-se a imagem de um inimigo “superpoderoso” (“comunismo”; “globalismo”; entre outros) responsável por todos os eventuais problemas, reforçando assim a necessidade urgente de combatê-lo (eliminar).

Assim, fascismo, comunismo e “jacobinismo”, seriam facetas de um mesmo fenômeno:

O filósofo político Eric Voegelin, em seu livro *As Religiões Políticas*, observou que o significado simbólico do apocalipse perdurava “no simbolismo dos séculos 19 e 20, nos três estágios da filosofia da história de Marx e Engels, no Terceiro Reich

¹⁷ JAMES, C. L. R. **Os jacobinos negros**: Toussaint L’ Overture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 76.

¹⁸ Idem.

do nacional-socialismo, na Terceira Roma fascista”. **Portanto, milenaristas, jacobinos, nazistas e fascistas seriam membros de uma mesma família político-ideológica.**¹⁹

Mesmo quando identificam comportamentos que destoam da imagem que procuram passar, os “liberais-conservadores” o caracterizam como uma reação, “mimetizando o inimigo”, portanto, em última instância, tal comportamento da “extrema-direita” é culpa do “breu petista”. “Driblando” assim, os efeitos colaterais de cerceamento e violência – por vezes insuflados por eles mesmos – que estão de acordo com seus interesses, para então se apresentarem como a ala “racional”, “democrática” e “pacífica” da direita no Brasil.

Dois anos depois, o uso do termo de Garschagem, reaparece sendo utilizado por Rodrigo Constantino ao participar de um podcast do *Jornal Gazeta do Povo* (que conta também com a presença de Martim Vasques da Cunha, parte da equipe de especialistas do IMB²⁰ e, na época em que o episódio foi ao ar, professor na pós-graduação em Escola Austríaca²¹ do Mises Brasil), denominados Ideias, sobre a greve dos caminhoneiros ocorrida em 2018.²² Partindo da suposição de que os caminhoneiros em greve vinham sendo insuflados por Jair Bolsonaro, na época candidato a presidência do país, “direita jacobina” é usado para taxar os seguidores de Bolsonaro.

O locutor do podcast, Jones Rossi, questiona os convidados sobre o porquê de pessoas apoiarem uma possível intervenção militar no governo. A parte em questão é longa, e por ser uma pergunta direcionada aos dois convidados, suas falas por vezes se cruzam. Portanto, se tentará apenas apresentar como o termo é utilizado, tomando o devido cuidado para não descontextualizar as falas.

Após uma breve exposição de como entende o fato de alguns sujeitos considerarem uma intervenção militar em face a um descrédito nas instituições da República, Constantino tece

¹⁹ GARSCHAGEM, Bruno. Os jacobinos da “nova direita”. [25 de maio, 2017]. *Jornal Gazeta do Povo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/colunistas/bruno-garschagen/os-jacobinos-da-nova-direita-4nnhs5havjocaa90xhdur9u3x/>. Acesso em 22/09/20. [grifos nossos]

²⁰ Disponível em: <https://www.mises.org.br/Specialist.aspx?id=24>. Acesso em 10/04/2021.

²¹ Site oficial: <https://pgea.com.br/>. Acesso em 06/10/20.

²² IDEIAS #56: porque a greve dos caminhoneiros é perigosa para o Brasil. Locução de Jones Rossi. Participantes Martim Vasques da Cunha e Rodrigo Constantino. Ideias Gazeta do Povo, 30 mai. 2018. Podcast. Disponível em: <https://soundcloud.com/gazetadopovopodcast/ideias-56-por-que-a-greve-dos-caminhoneiros-e-perigosa-para-o-brasil>. Acesso em 06/10/20.

comentários em que tenta colocar na mesma equação o que ele entende por “extrema esquerda” com a “extrema direita”:

O problema é o seguinte, eu entendo o raciocínio até o dia da intervenção, no dia seguinte o que vai acontecer? Ninguém sabe. Vão ficar 21 anos no poder? Aí entra a mentalidade naufragada do Lella [Mark Lella] que o Martim [Martim Vasques da Cunha] trouxe, que é a idealização do passado. Revolucionário de direita e de esquerda, que não são conservadores; **jacobinos de direita não são conservadores. Revolucionários de direita e de esquerda são parecidíssimos no modus operandi** só que querem coisas diferentes. **Um quer idealizar o futuro, o porvir; o outro quer idealizar o passado, o jardim do éden, a era do que ficou para trás.**²³

Novamente, só que em um contexto diferente e utilizado por outros sujeitos, “Jacobino de direita” são considerados semelhantes com a “esquerda revolucionária”. Um pouco mais adiante em seus comentários, até chega a comparar o “Milagre Econômico” com as políticas de desenvolvimento econômico do governo petista: “eles acham que havia uma coisa maravilhosa; não o Delfim Neto fazendo Milagre Econômico insustentável ‘à lá PT’ no começo do governo, que a conta veio depois”.²⁴

Martim Vasques da Cunha, intervindo e dando continuidade ao raciocínio de Constantino fala:

E outra, tem um ponto que precisa ser observado aí Jones [Rossi] e Rodrigo [Constantino], que é assim: esse tipo de movimento da direita jacobina que adora uma intervenção militar, que é maluco né? Maluco. Eles são integralistas! Estamos tendo o retorno do integralismo! [...].²⁵

Nota-se que, para além de projetar no “outro” características que nega em seu agrupamento (liberais-conservadores), Vasques da Cunha parece não compreender o significado do conceito de autoritarismo – e integralismo, o reduzindo apenas a uma preferência por determinado regime político. Após uma rápida intervenção de Constantino enfatizando o mérito de Cunha em fazer relação com o movimento integralista, Cunha continua:

Todas as características do integralismo: tem uma obsessão em torno de um líder carismático; tem intelectuais sofisticadíssimos, anti-esquerdistas, que falam

²³ Idem.

²⁴ Ibidem.

²⁵ IDEIAS #56: porque a greve dos caminhoneiros é perigosa para o Brasil. Locução de Jones Rossi. Participantes Martim Vasques da Cunha e Rodrigo Constantino. Ideias Gazeta do Povo, 30 mai. 2018. Podcast. Disponível em: <https://soundcloud.com/gazetadopovopodcast/ideias-56-por-que-a-greve-dos-caminhoneiros-e-perigosa-para-o-brasil>. Acesso em 06/10/20.

de coisas transcendentais, de cristandade, vamos recuperar a civilização ocidental, vamos restaurar a alta cultura; **tem o mesmo índice de mulher feia para burro né? No integralismo não tinha mulher, agora tem mulher, mas é feia para burro;** e toda uma situação que você que é assim: é abstração pela abstração. É um mundo idealizado. Um Brasil idealizado que não existe! Que não existe! **Então o que a gente está vivendo aqui; de novo: eu acho que a direita jacobina é a consequência direta de 30 anos de doutrinação gramsciana.** Isso para mim está cada vez mais evidente. O que foram 30 anos de doutrinação gramsciana não vai dar somente nos black blocs. Vão dar na direita jacobina. **Os filhos do Gramsci são os jacobinos de direita.** Para mim isso é cada vez mais evidente.²⁶

Além de mostrar grande desprezo pela direita “jacobina” (fascista), Cunha apela para afirmações machistas como forma de desqualificar seus opositores. Foge de seu raciocínio que seu discurso exaltado, ao externar todo seu ódio a plenos pulmões, se assemelha muito àqueles que chama de “direita jacobina”. Ao invés disso, projeta em seu “inimigo maior” (Gramsci, “O” Comunismo, Marxismo Cultural, entre outros), as próprias características que nega em si mesmo.

Importante também destacar sexismo para desqualificar o campo oposto, ao afirmar que tanto a “direita jacobina” quanto a esquerda *tem o mesmo índice de mulher feia para burro.*²⁷ Assim como o racismo, percebe-se aqui que o sexismo também é inerente ao instrumental discursivo do pensamento conservador. Nas palavras da socióloga Heleieth Saffioti, sexismo e racismo possuem uma mesma origem:

Sexismo e racismo são irmãos gêmeos. Na gênese do escravismo constatava um tratamento distinto dispensado a homens e mulheres. Eis porque o **racismo, base do escravismo**, independentemente das características físicas ou culturais do povo conquistado, nasceu no mesmo momento histórico em que nasceu o **sexismo**. Quando um povo conquistava outro, submetia-o a seus desejos e as suas necessidades. Os homens eram temidos, em virtude de representarem um grande risco de revolta, já que dispõem, em média, de mais força física que as mulheres, sendo, ainda, treinados para enfrentar perigos. Assim, eram sumariamente eliminados, assassinados. As mulheres eram preservadas, pois serviam a três propósitos: constituíam força de trabalho, importante fator de produção em sociedades sem tecnologia ou possuidoras de tecnologias rudimentares; eram reprodutoras desta força de trabalho, assegurando a continuidade da produção e da própria sociedade; prestavam (cediam) serviços sexuais aos homens do povo vitorioso. **Aí estão as raízes do sexismo, ou seja, tão velho quanto o racismo.**²⁸

²⁶ Idem. [grifos nossos].

²⁷ Ibidem.

²⁸ SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. p. 132 – 133. [grifos presentes no original].

A autora, além de estabelecer as origens do sexismo atrelados ao escravismo, demonstra que, a submissão e inferiorização das mulheres está intimamente permeada por relações de poderes. No caso retratado por Saffioti, a imposição do povo vitorioso, sobre aquele derrotado.

Apesar de importante focalizar o escravismo como elemento para a compreensão do sexismo, pois permite relacioná-lo com racismo e perceber estes dois como elemento estruturante do pensamento conservador, quais as motivações para Vasques da Cunha relacionar a beleza feminina – ou a suposta falta dela – com a esquerda, ao tentar equiparar a direita jacobina com as formas de atuação e intervenção política da esquerda?

Neste sentido, “Bell Hooks” nos ajuda a perceber a relação entre a contestação feminista dos padrões de beleza com a indústria da moda:

Desafiar o pensamento sexista em relação ao corpo da mulher foi uma das intervenções mais poderosas feitas pelo movimento feminista contemporâneo. Antes da libertação das mulheres, todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e em ser ou não notada como pessoa de boa aparência, principalmente por homens.²⁹

Hooks inicia as suas considerações demonstrando como a aparência feminina serve de controle social dos homens sobre as mulheres, destacando o efeito desestabilizador do questionamento destes valores e sua importância para as mulheres. Seguindo sua narrativa, a feminista destaca como, no capitalismo, o questionamento destes valores ressoa na produção:

A revolução do vestuário e do corpo criada pelas intervenções feministas fez com que mulheres aprendessem que nossa carne merecia amor e adoração em seu estado natural; nada precisava ser acrescentado, a não ser que uma mulher escolhesse se enfeitar. Inicialmente, investidores capitalistas da indústria de cosméticos e moda temiam que feministas fossem destruir seus negócios. Financiaram campanhas na mídia de massa que banalizava a libertação da mulher, criando imagens que sugeriam que feministas eram grandes, hipermasculinas, simples, velhas feias.³⁰

Nota-se que a escolha de Vasques da Cunha, em atacar o campo oposto por meio de um juízo de valor – individual – que faz das mulheres, possui uma razão histórica ligada à

²⁹ HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019. p. 57.

³⁰ Idem. p. 58.

emancipação do corpo da mulher. Por isso é tão sério seu pronunciamento. Ele está publicamente exercendo um suposto direito masculino em “ditar as regras” de aparência e beleza às mulheres. Isso também resplandece como exercício de poder.

Conclusões

Importante registrar aqui que o sexismo/machismo inerente ao discurso conservador não é uma questão “menor”, como se um comentário “infeliz” destes não possuísse consequências mais sérias. Não pode ser visto como coincidência, o fato de que outro participante do episódio do podcast em questão, Rodrigo Constantino, tenha proferido publicamente comentário sexista relativizando o caso,³¹ no mínimo polêmico, de estupro de Mariana Ferrer.³²

Em resumo, o comentário feito por Vasques da Cunha representa uma parte dentro de um cabedal sexista que compõe o pensamento dos “liberais-conservadores”, uma vez que – a exemplo do caso de Constantino – deva-se apurar também as circunstâncias do crime ocorrido, imputando na vítima, por se comportar de forma “incorreta”, a culpa pelo crime. Considerar o comportamento da vítima (estar embriagada), e/ou a forma como esta escolhe para expressar a sua feminilidade, é estabelecer qual a forma “apropriada” de vestir-se e portar-se; ou seja, estabelecer alguma forma de domínio sobre como as mulheres devem agir em relação ao seu corpo.

O exemplo de como Constantino tratou o caso de estupro de Mariana Ferrer, auxilia em observar as consequências reais que discursos sexistas/machistas, ou mesmo de ódio à uma determinada corrente política (por exemplo, comunismo). Sua atuação como formador de opinião, relativizando o estupro, destilando ódio aos que pensam diferente de suas posições nas mídias, munícia, incentiva e normaliza ataques contra grupos que, em sua opinião – portanto longe de ser fato – devam se portar ou aceitar as suas premissas porque são as corretas. O próprio fato de Constantino não ter sofrido maiores sanções legais por suas atitudes, demonstram o efeito da propagação do pensamento conservador que ele mesmo defende como

³¹ **Rodrigo Constantino relativiza estupro em live e é demitido da Jovem Pan.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wa4A69-VdoU>. acesso em 26/01/2021.

³² ALVES, Shirlei. Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de 'estupro culposo' e advogado humilhando jovem. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposo/>. Acesso em 26/01/2021.

legítimo. Os mesmos que julgam a “direita jacobina” de violenta e irracional, não se percebem como parte do problema que apontam.

Por fim, é possível notar que entre as frações burguesas, existem clivagens profundas o suficiente para causar posicionamentos hostis entre elas. O que indica uma dificuldade em consolidar uma direção. Bem como a existência de desconfianças intraburguesas na condução do Estado e dos interesses de classe por Bolsonaro. É justamente quando os intelectuais burgueses externalizam seus desacordos pelas mídias, que se tornam nítidas estas disputas.